

**Eixo Temático: Estratégias e Internacionalização de Empresas**

**ANÁLISE DO CONFLITO TRABALHO-FAMÍLIA NA ECONOMIA SOLIDÁRIA: O  
CASO DA AGRICULTURA FAMILIAR VINCULADA AO PROJETO  
ESPERANÇA/COOESPERANÇA**

**ANALYSIS OF THE WORK-FAMILY CONFLICT IN THE SOLIDARITY  
ECONOMY: THE CASE OF FAMILY AGRICULTURE LINKED TO THE  
PROJETO ESPERANÇA/COOESPERANÇA**

Karine Silva Da Rosa, Rita Inês Paetzhold Pauli e Samia Mercado Alvarenga

**RESUMO**

Este artigo analisa o conflito trabalho-família na vida dos agricultores familiares, associados à Cooperativa do Projeto Esperança/COOESPERANÇA. Os procedimentos metodológicos incluem uma revisão de abordagens acerca do conflito trabalho-família e agricultura familiar, como também aplicação de entrevistas semiestruturadas a uma amostra de produtores rurais associados à COOESPERANÇA. A análise dos dados foi efetivada via variáveis qualitativas em escala ordinal do tipo *Liquert*. De acordo com os resultados, na maioria dos casos (51,55%), foram identificadas situações conflitivas do trabalho no âmbito familiar. Por outro lado, é sutil a percepção de prejuízos quanto à interferência da família no trabalho. Acredita-se que a organização laboral em base familiar, e vinculada à COOESPERANÇA sejam os fatores explicativos dos resultados encontrados, pois contribuem para uma maior harmonia entre o domínio doméstico e profissional, contudo, esse arranjo produtivo pode fazer com que as atividades laborais sejam postas em detrimento das atividades domésticas.

**Palavras-chave:** agricultura familiar, conflito trabalho-família, economia solidária, COOESPERANÇA.

**ABSTRACT**

This article analyzes the work-family conflict in the life of the family farmers, associated to the Cooperative of the Projeto esperança/COOESPERANCA. The methodological procedures include a review of approaches to work-family conflict and family agriculture, and the analysis of the results of semi-structured interviews and a questionnaire to the rural producers associated with COOESPERANCA. The data analysis was performed using qualitative variables in the Likert-type ordinal scale. According to the results, conflicting situations of family work were identified in (51.55%) of the cases analyzed. On the other hand, it is subtle the perception of damages as to the interference of the family in the work. It is believed that the family-based work organization, linked to COOESPERANCA are the explanatory factors of the results found, since they contribute to a greater harmony between the domestic and professional domains, however, this productive arrangement can cause the work activities to be done to the detriment of domestic activities.

**Keywords:** Family farmers, conflicting situations of family work, solidarity economy, COOESPERANÇA

## INTRODUÇÃO

A economia solidária surgiu no Brasil em resposta à crise de 1980, como reação a um contexto de desemprego estrutural, acentuação da concentração de renda e acumulação do capital, conseqüentemente atenuação das desigualdades sociais, a reestruturação produtiva do capital, a crise do Movimento Sindical e ainda na década de 1990, agravada com a abertura do mercado interno às importações (SINGER; SOUZA, 2000). Neste processo, o setor de serviços mostrou-se incapaz de absorver os trabalhadores desempregados, ocasionando assim a miséria, a marginalidade e a violência.

Segundo o Singer (2002), a economia solidária ganhou força ainda maior a partir de 1990, e desde então, teriam emergido novas experiências de associativismo. As diversas formas de organização econômica baseadas no trabalho associado, na propriedade coletiva dos meios de produção, na cooperação e autogestão formaram um conjunto diversificado de empreendimentos, em que a solidariedade transforma práticas e aponta para compromissos renovados com as lutas coletivas por transformações sociais.

Neste processo, o empreendedorismo coletivo exige que o caráter coletivo mantenha grande rigor administrativo canalizando em uma liderança conjunta aspectos de motivação, gestão, empreendedorismos e inovação. Exigências que, somados as demandas no seio familiar podem contribuir para o estabelecimento de um estado conflitivo entre o trabalho e a família. Historicamente, a família corresponde a um grupo social que exerce marcada influência sobre a vida das pessoas. Além de atuar na constituição da personalidade, ela influencia significativamente o comportamento individual através das ações e medidas educativas (DRUMMOND; DRUMMOND FILHO, 1998).

Com a emergência do capitalismo a estrutura familiar é afetada pela importância que o trabalho fora de casa adquire dada à relevância de seu valor econômico. As alterações sociais e demográficas ocorridas nesse contexto acirraram as dificuldades em conciliar o trabalho com os compromissos familiares (STEPHENS; SOMMER, 1996). Daí emerge o conceito de conflito trabalho-família advindo do fato de que os indivíduos desempenham vários papéis fazendo uso dos mesmos recursos: energia, dedicação e tempo (KINNUNEN; FELDT; GEURTS; PULKKINEN, 2006).

A agricultura familiar, um dos importantes componentes da economia solidária possui uma relação peculiar entre os domínios trabalho-família, já que o núcleo familiar é o gestor da própria produção e os trabalhadores, na maioria das vezes, laboram no mesmo local onde residem. O modelo produtivo familiar tem como principal característica a estreita relação entre trabalho e gestão (FAO/INCRA, 1994). As atividades de plantio e domésticas são difíceis de serem separadas, pois, ambas são realizadas num ambiente muito próximo e pelo mesmo grupo. Assim, é comum que os compromissos laborais deixem de ser atendidos em detrimento de uma maior dedicação à família ou vice-versa.

No meio rural, esse panorama foi intensificado por volta das décadas de 60 e 70 quando o processo global de modernização agropecuária induziu uma série de transformações, que ao exigir um trabalho com novos requerimentos, aumentou as tensões entre os domínios trabalho-família. Diante do exposto, este estudo tem como intuito principal verificar a existência do conflito trabalho-família entre os agricultores familiares vinculados ao Projeto Esperança/COOESPERANÇA, localizada na região central do estado do RS.

Para tanto, aplica-se um questionários semi-estruturado a 31 dos 50 representantes dos grupos de agricultores familiares vinculados a COOESPERANÇA partindo-se da premissa de que uma boa relação entre os domínios trabalho-família repercute não apenas em uma maior coesão no seio familiar, como também na reprodução social dos agricultores familiares enquanto grupo associado ao empreendimento solidário de que participam.

## 2. CONFLITO TRABALHO-FAMÍLIA NA AGRICULTURA FAMILIAR

Na agricultura familiar, a família é a proprietária dos meios de produção, além de partilhar o espaço produtivo, está ligada a terra por laços sanguíneos ou consanguíneos de parentesco (SCHNEIDER,2003). Consequentemente, o ambiente de trabalho se interpenetra com o ambiente familiar. Assim, O trabalho doméstico por vezes se confunde com o trabalho produtivo ao passo que relação familiar se confunde com a relação de produção.

Para Chayanov (1974), de acordo com “teoria da unidade econômica camponesa”, a família agrícola atua como um agente tomador de decisões, cabendo ao núcleo familiar deliberar quanto à produção, investimentos, equipamentos e alocação tanto da força de trabalho quanto dos demais recursos. A escassez de tempo e dedicação perante a execução de tarefas em diferentes domínios, tais como na casa, no campo, na cidade ou na indústria faz com que emergam situações conflituosas (KINNUNENET *et. al.*,2006).

Quando não há equilíbrio entre os domínios é frequente suceder um duplo conflito ora ocasionado na família em decorrência das ocupações laborais e ora ocasionado no trabalho em decorrência das ocupações domésticas (FRONE; RUSSELL; COOPER, 1992; KELLOWAY; GOTTLIEB; BARHAM, 1999). Para explicar os mecanismos de interação entre o trabalho e a família Edwards e Rothbard (2000) fazem uma divisão em categorias distintas: 1) contaminação: quando há impacto da dimensão familiar sobre a dimensão laboral ou vice versa; 2) compensação: a insatisfação em uma das dimensões faz com que a pessoa aumente seu envolvimento ou busque se recompensar dedicando mais tempo à outra dimensão; 3) segmentação: há separação entre as dimensões trabalho e família de tal forma que uma não interfere na outra; 4) escoamento: quando os recursos tempo, energia, atenção são limitados de forma que a utilização deles em uma das dimensões impossibilita a utilização na outra dimensão; 5) conflito: as dimensões trabalho e família possuem demandas mutuamente incompatíveis.

A compensação, pode se manifestar em duas formas distintas, sendo elas suplantarem ou reafirmar. A suplantação acontece quando há insatisfação em uma das esferas e o indivíduo se dedica mais a outro no intuito de obter as recompensas não encontradas na primeira esfera. Já a compensação se dá diante de fatos e experiências negativas em um domínio levando o indivíduo a buscar experiências positivas no outro domínio (EDWARDS; ROTHBARD, 2000).

A ideia de que é possível estabelecer uma separação entre família e trabalho (segmentação) foi contrariada em diversos estudos, dentre eles, o de Clark (2000) que prova uma íntima ligação entre ambos os domínios. Polasky e Holahan (1998) acreditam que o desempenho de tarefas dentro e fora da propriedade é positivo para o indivíduo. Segundo os autores, a pluriatividade aumenta a autoestima e amplia as oportunidades na esfera social. Porém, Carnet, (1993), Thompson e Walker (1989) discordam desse posicionamento, segundo eles, os esforços de compatibilizar demandas domésticas e laborais ocasionam efeitos negativos em ambas as esferas.

Para Frone e Cols (1997), conforme o domínio familiar entra em situação de conflito com o domínio laboral, o desempenho no trabalho cai. Tamayo e Cols. (2002) encontraram relações negativas tanto para a percepção de saúde laboral e a interferência do trabalho-família, quanto para interferência família-trabalho e a percepção de competência profissional. Segundo Goldani (2002) a origem do conflito trabalho-família e família-trabalho estão intimamente ligadas às modificações que a estrutura familiar vem sofrendo ao longo do tempo em decorrência dos papéis assumidos pelos homens e mulheres no núcleo familiar.

Antigamente cabia a mulher cuidar do lar e dos filhos, enquanto ao homem era incumbida a tarefa de sustentar financeiramente a casa. Hoje, no entanto, tal arranjo já não é dominante. Em função da deterioração salarial, do aumento do custo de vida, entre outros

fatores, a mulher emancipou-se e as os arranjos familiares mais comuns passaram a ser aqueles cujos dois cônjuges atuam como força de trabalho.

Para um maior entendimento de como ocorre o conflito é preciso considerar que ele possui um caráter bidirecional, ou seja, há interferência do trabalho na família como também há interferência da família no trabalho. De acordo com Netemeyer, Boles e McMurrian (1996) o primeiro aspecto pode ser definido como um conflito entre papéis no qual as demandas de trabalho, tempo dedicado e tensão gerada por ele, interferem no desempenho familiar. O segundo aspecto, oposto, a interferência da família no trabalho, se refere a um conflito no qual as demandas da família, assim como o tempo dedicado e a tensão gerada por ela, interferem no desempenho das responsabilidades ocupacionais.

As consequências do conflito trabalho família ocorrem em três domínios: físico, psicológico, comportamental, atitudinal e organizacional (GEURTS; DEEMEROUTI, 2003). As consequências nesses domínios são identificadas respectivamente através do estresse, baixa imunidade, dores de cabeça e de costas, problemas gastrointestinais, fadiga, insônia, dores no peito, aumento do consumo de café, bebidas alcóolicas e cigarro, diminuição ou a não prática de esportes, comportamentos mais agressivos, absentismo e a diminuição do desempenho profissional.

Em relação ao conflito trabalho-família dentro da agricultura familiar, especula-se que os trabalhadores rurais percebam maior interferência da família no trabalho em especial quando levadas em consideração as questões relacionadas à dimensão do tempo. Conjectura-se que esses trabalhadores sintam maior dificuldade em cumprir, dentro dos prazos estabelecidos, as tarefas de trabalho relacionadas à propriedade em função de demandas advindas do contexto familiar. Desse modo é possível que haja um prejuízo econômico decorrente da queda na produtividade e um prejuízo emocional advindo de desgastes familiares.

## **2.1. AGRICULTURA FAMILIAR E A COOPERATIVA ESPERANÇA**

A autogestão e a autonomia de cada unidade de produção são pressupostos básicos da economia solidária que vão ao encontro do que propõe a agricultura familiar (ARRUDA, 2006). Desse modo, a economia solidária funciona com um aporte para que as famílias agrícolas vendam seus excedentes e, a despeito da invasão do capital no campo, consigam se manter no nicho familiar de mercado.

Em sentido amplo, a economia solidária busca humanizar o capitalismo através da harmonização da produção com a sociedade, economia, política e meio ambiente (SINGER, 2002). As cooperativas são o principal expoente da economia solidária desempenhando um importante papel na agricultura familiar, pois, servem de apoio aos agricultores que não conseguiram ou não quiseram se integrar plenamente na lógica de mercado. A comercialização conjunta nas cooperativas agrega valor aos produtos, além de fortalecer as economias locais e criar redes de trocas (MEDANHA, 2010).

A Cooperativa Esperança (COOESPERANÇA) é um misto de pequenos produtores rurais e urbanos vinculados ao Projeto Esperança<sup>1</sup> que têm a agricultura familiar como um de seus eixos. O foco principal é manter a perspectiva de geração de trabalho e renda alicerçados no trabalho organizado com a valorização do trabalho acima do Capital e promoção da inclusão social (CASSOL; WIZNIEWSKY, 2012). Para Icaza e Freitas (2006) os empreendimentos solidários ligados ao Projeto Esperança formam uma rede denominada Teia Esperança a qual

---

<sup>1</sup>O Projeto Esperança nasceu em 15 de agosto de 1987 como uma expressão dos Projetos Alternativos Comunitários (PACs) que foram inspirados nas ideias de Albert Tévoédjéré (1982). Os objetivos dos PACs era articular experiências de Economia Popular Solidária no meio urbano, rural e na Prestação de Serviços Autogestionários na região central do estado do RS (CASSOL; WIZNIEWSKY, 2012).

promove união entre produtores e consumidores motivados pelo comércio justo, consumo solidário e ético.

Nesse sentido os pontos de troca e comercialização são administrados de forma colegiada pelos próprios empreendedores solidários. Além dos produtos provenientes da agricultura familiar também são comercializados produtos coloniais, hortigranjeiros ecológicos, caseiros, artesanais, panificação, confecção, serigrafia, artesanato em material reciclado, carnes e prestação de serviços. O foco principal é manter a perspectiva de geração de trabalho e renda alicerçados no trabalho organizado com a valorização do trabalho acima do Capital e promoção da inclusão social (CASSOL; WIZNIEWSKY, 2012).

### 3. MÉTODO

Para alcançar os objetivos propostos realizou-se uma pesquisa de natureza qualitativa exploratória, que por meio do estudo de caso, tem como intuito aprimorar ideias ou descobrir intuições através de entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado (GIL, 2006; DENCKER, 2000). Inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a temática em questão, logo em seguida foi-se a campo coletados com um instrumento composto por perguntas semiestruturadas adaptadas de Netemeyer e Cols (1996) e traduzidas por Aguiar (2012).

Para analisar o conflito trabalho-família o questionário utiliza duas dimensões: interferência do trabalho na família e interferência da família no trabalho. Desse modo, foram selecionadas 17 perguntas, sendo que as duas primeiras avaliam a satisfação dos trabalhadores com o trabalho e a importância atribuída a ele. As questões de 3 a 6 buscam captar a interferência da família no trabalho, enquanto que as questões de 7 a 11 buscam captar a interferência do trabalho na família. Por fim, a partir da questão 12 intenciona-se definir o perfil da amostra. Ao todo foram aplicados 32 questionários.

Para o tratamento dos dados coletados utilizou-se o software SPSS 20.0®. A análise foi embasada em estatística descritiva e diferenças de média, tendo como finalidade caracterizar a amostra e descrever o comportamento dos indivíduos em relação a situações conflitivas entre o trabalho e a família. Nesse sentido, utilizaram-se variáveis qualitativas em escala ordinal do tipo *Liquert*.

### 4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A pesquisa realizada com 31 agricultores familiares filiados Teia Esperança demonstra que a amostra é composta por indivíduos com mais de 50 anos (46,9%), do sexo masculino (53,1%), casados (81,3%), com até 2 dependente (43,8%), ensino médio incompleto (43,8%), cujas responsabilidades pela manutenção financeira da família são divididas igualmente com o conjuge (62,5%). A tabela 1 exemplifica com mais detalhes o perfil da amostra.

Tabela 1. Perfil dos agricultores familiares vinculados a Teia Esperança:

Variável	Alternativas	Frequência	Percentual
Idade	Até 20 anos	1	3.1
	De 21 a 25 anos	1	3.1
	De 26 a 30 anos	4	12.5
	De 31 a 35 anos	0	0
	De 36 a 40 anos	5	15.6
	De 41 a 45 anos	4	12.5

	De 46 a 50 anos	2	6.3
	Mais de 50 anos	15	46.9
	<b>Gênero</b>		
	Masculino	17	53.1
	Feminino	15	46.9
<b>Estado Civil</b>	Solteiro	5	15.6
	Casado	26	81.3
	Viúvo	1	3.1
	Separado	0	0
<b>Número de dependentes</b>	Nenhum	6	18.8
	De 1 a 2	14	43.8
	De 3 a 4	8	25.0
	Mais de 4	4	12.5
<b>Escolaridade</b>	Nunca estudou	0	0
	Alfabetizado	10	31.3
	Ensino Fundamental completo	3	9.4
	Ensino Médio incompleto	14	43.8
	Ensino Médio completo	5	15.6
	Ensino superior	0	0
<b>Responsabilidade pela manutenção financeira da família</b>	Único responsável	5	15,6
	Principal responsável	2	6.3
	Divide responsabilidades igualmente	20	62.5
	Contribui com pequena parte	5	15.6
	Não tem responsabilidade financeira	0	0

Elaboração própria.

Após conhecer o perfil dos respondentes e aspecto relacionado à responsabilidade financeira das famílias, o estudo parte para a verificação do quão importante é o trabalho para os agricultores familiares, bom como, o quão satisfeito eles estão com o trabalho atual. As tabelas 2 e 3 evidenciam esses resultados.

Tabela 2. Importância do trabalho na vida dos agricultores familiares:

Variável	Média	Percentual válido				
		Nada importante	Pouco importante	Importante	Muito Importante	Extremamente importante
<b>Importância do trabalho atual na minha vida</b>	4.375	0	0	12.5	37.5	50

Elaboração própria.

Tabela 3. Satisfação com o trabalho:

Variável	Média	Percentual válido				
		Muito insatisfeito	Insatisfeito	Indiferente	Satisfeito	Muito satisfeito

<b>Como me sinto em relação ao trabalho atual</b>	4.375	12.5	3.1	0	56.3	28.1
---	-------	------	-----	---	------	------

Elaboração própria.

Quando perguntados sobre a importância do trabalho e sobre a satisfação com o trabalho, 50% responderam que o trabalho é extremamente importante e 56% se mostraram satisfeitos com o trabalho. Conforme a tabela 2, nenhum dos entrevistados atribuiu pouca ou nenhuma importância ao trabalho. No que tange satisfação com o trabalho atual, demonstrado na tabela 3, a maioria dos entrevistados está satisfeito com o trabalho. Contudo, observa-se que o percentual dos que se declararam muito insatisfeitos (12,5%) é relativamente expressivo, tendo em vista o tamanho reduzido da amostra.

A seguir, são analisadas a interferência da família no trabalho (Tabela 4) e posteriormente a interferências do trabalho na família (Tabela 5), sendo que quanto maior a discordância com as respostas, ou seja, discordo totalmente (5 pontos na escala tipo *likert*), menor a interferência de um domínio no outro:

Tabela 4. Interferência da família no trabalho dos agricultores:

Variável	Média	Percentual válido				
		Concordo Totalmente	Concordo	Indiferente	Discordo	Discordo Totalmente
<b>As demandas da minha família interferem nas minhas atividades de trabalho.</b>	3.000	9.40	37.50	3.10	25.00	15.60
<b>Eu preciso adiar atividades de trabalho por causa de demandas que surgem quando estou em casa.</b>	2.813	18.75	37.50	3.13	25.00	15.63
<b>Por causa das demandas da minha família, não consigo fazer as coisas que preciso no trabalho.</b>	3.688	6.25	12.50	9.38	50.00	21.88
<b>Minha vida doméstica interfere nas minhas responsabilidades no trabalho (como cumprir as tarefas e a jornada de trabalho).</b>	3.563	3.13	25.00	12.50	31.25	28.13

Elaboração própria.

De acordo com a Tabela 4 observa-se que os respondentes são indiferentes ao fato das demandas da família interferir no trabalho. Porém em relação ao tamanho da amostra, é relativamente alta a porcentagem dos entrevistados que precisa adiar atividades no trabalho por conta das demandas que surgem em casa (37,5%). Para metade da amostra as demandas da família não dificultam a realização das atividades necessárias ao trabalho. Ao encontro disso, a maior parte da amostra (31,20%) não acredita responsabilidades profissionais como, por exemplo, cumprir as tarefas e a jornada de trabalho.

A partir desses resultados e observando que as médias das variáveis estão dentro do intervalo de concordo e discordo (pontos 2 e 4 na escala tipo *likert*), não se pode descartar totalmente a existência do conflito família-trabalho. Contudo, percebe-se que a família não interfere de forma determinante no trabalho. A Tabela 5 evidencia as interferências do trabalho na família.

Tabela 5. Interferência do trabalho na vida familiar dos agricultores:

Variável	Frequência	Percentual válido				
		Concordo Totalmente	Concordo	Indiferente	Discordo	Discordo Totalmente
As demandas do meu trabalho interferem na minha vida familiar.	3.188	3,1	40,6	6,3	34,4	15,6
Devido à quantidade de tempo que dedico ao trabalho, tenho dificuldade em cumprir minhas responsabilidades familiares.	3.188	9,4	34,4	9,4	31,3	15,6
Por causa das demandas do meu trabalho, não consigo fazer as coisas que quero fazer em casa.	2.875	9,4	43,8	9,4	25,0	12,5
As pressões do meu trabalho restringem a liberdade de planejar as minhas atividades familiares.	3.063	12,5	34,4	6,3	28,1	18,8
Os meus deveres no trabalho me levam a mudar meus planos para as atividades familiares.	2.719	12,5	43,8	12,5	21,9	9,4

Elaboração própria.

A partir da Tabela 5 mostra que (40,6%) dos entrevistados concorda que as demandas do trabalho interferem na família de modo que, a maior parte deles (34,4%), em função do tempo que dedica ao trabalho, não consegue cumprir com as responsabilidades do lar, sendo que (43,8%) deixa de fazer as coisas que gostaria de exercer em casa. A liberdade de planejar atividades familiares é restringida pelas pressões do trabalho (34,4%), fazendo com os planos familiares sofram modificações por conta dos deveres profissionais (43,8%).

Diante do exposto e dos valores relativamente inferiores de média, se comparado com a Tabela 4, é nítida a presença do conflito trabalho-família, evidenciando que o trabalho na maioria das vezes é colocado como prioritário. Tal resultado já era esperado haja vista a importância econômica do trabalho para o sustento das famílias. Esses achados corroboram os estudos de Aguiar (2012), segundo os quais a avaliação de que o trabalho é causador de dificuldades ou prejuízo na esfera familiar é maior do que a percepção contrária. No que tange a interferência da família no trabalho, os resultados aqui encontrados também se assemelham aos de Aguiar (2012), ou seja, a intensidade do conflito família-trabalho é baixa.

Conforme autora esse panorama está relacionado aos graus de satisfação com o trabalho e importância a ele atribuída. Dessa forma, quanto maior a satisfação com as atividades laborais, menor é a tendência de se identificar interferência deste na família, e quanto mais importância é dada ao trabalho, menor tende a ser a percepção de que a família gera através de suas demandas implicações negativa no âmbito ocupacional.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme dados levantados mediante a entrevista com questões semiestruturadas, verificou-se, a partir do perfil da amostra, que não obstante as transformações estruturais e sociais vivenciadas no campo, a unidade familiar permanece como um núcleo conciso de

reprodução social, o que se reflete no fato da grande maioria dos entrevistados serem casados, e dividirem igualmente as responsabilidades financeiras. O menor número de filhos e o satisfatório grau de instrução escolar são indícios de que a modernização do campo induziu mudanças demográficas e institucionais positivamente importantes, já que antes o comum eram famílias mais numerosas, menos instruídas e com a figura masculina exercendo maior peso no sustento financeiro.

O trabalho tem significativa importância na vida dos entrevistados, sendo que para metade da amostra é considerado extremamente importante. Ademais, a maioria declarou-se satisfeito com o trabalho atual. Esses resultados atestaram a relevância de se investigar situações conflitivas entre o trabalho e a família. Na análise da interferência da família no trabalho, não foram percebidas situações graves de conflito por parte da família no trabalho. De acordo com os entrevistados, as demandas familiares não os impedem de realizar as atividades profissionais, tão pouco, atrapalham no cumprimento da jornada de trabalho. Quando estão em casa, precisam adiar as atividades de trabalho, o que de certa forma demonstra que os agricultores familiares conseguem separar o domínio família do domínio trabalho.

Quanto à interferência do trabalho na família, observou-se que as demandas do trabalho afetam negativamente a vida familiar, sendo que o tempo dedicado ao trabalho e as pressões nele vivenciadas impedem que os agricultores arquem com suas responsabilidades perante a família, fazendo com que se sintam restringidos para planejar atividades junto a esta. Admitem, ainda, não conseguir fazer tudo o que gostariam em casa, e que os deveres no trabalho acarretam mudanças no planejamento familiar. Mesmo que não haja situação de extremo conflito do domínio trabalho no domínio família, é evidente que a importância dada ao primeiro compromete a atenção ao segundo.

Os resultados encontrados contrariam a hipótese de que a família tenha uma interferência prejudicial no domínio trabalho, mas corroboram a interferência do trabalho no domínio família. Portanto, para o caso dos agricultores Familiares da COOESPERANÇA não foi confirmado um caráter bidimensional de conflito, acredita-se que isso possa ser atribuído ao fato de que a característica do trabalho é colaborativa. Ou seja, mesmo que o tempo dedicado ao trabalho restrinja as atividades potenciais de lazer que gostariam de desfrutar junto à família, gerando uma situação conflitiva, o inverso não é verdadeiro.

Ainda que as demandas familiares ou as atividades que gostariam de exercer sejam afetadas negativamente, não há indícios que permitam denotar prejuízo às atividades laborais, o que sugere uma possível situação de desgaste físico e mental, oriundo da situação conflitiva, conjecturando-se uma possível geração de sobre trabalho para os agricultores familiares. Tais conclusões são justificáveis pelo vínculo existente entre cultura e cultivo onde os valores culturais, normas e sistemas de crenças influenciam diretamente a existência e prevalência de estados conflitivos inerentes a cada domínio (AYCAN, 2008).

As limitações do estudo estão diretamente relacionadas aos aspectos amostrais e de abordagem, por isso, para trabalhos futuros sugere-se que seja feita uma pesquisa com um maior número de entrevistados, bem como, que sejam incluídas variáveis referentes à renda e bem-estar. Pois, especula-se que a elevada importância dada ao trabalho, que em última instância leva os agricultores colocá-lo em detrimento da família, podem estar atreladas aos retornos financeiros e à necessidade de proporcionar melhores condições de vida ao cônjuge e filhos.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. Agricultura familiar e desenvolvimento territorial. **Reforma agrária**, v. 28, n. 1, p. 2, 1998.

ABRAMOVAY, Ricardo. Agricultura familiar e uso do solo. **São Paulo em perspectiva**, v. 11, n. 2, p. 73-78, 1997.

ARRUDA, Marcos. **Tornar real o possível: a formação do ser humano integral: economia solidária, desenvolvimento eo futuro do trabalho**. Vozes, 2006.

AYCAN, Zeynep. Cross-Cultural Approaches to Work—Family. **Handbook of work-fntegration: Research, theory, and best practices**, p. 353, 2011.

CARNEIRO, Maria José. Pluriatividade no campo: o caso francês. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 11, n. 32, p. 89-105, 1996.

CARNET: **The Canadian Aging Research Network Work and family**: The survey findings for the work and eldercare research group. Guelph, ON: author, 1993.

CASSOL, Kelly Perlin; WIZNIEWSKY, Carmen Rejane Flores. Projeto Esperança/Coesperança, Santa Maria, RS: o caso dos agricultores associados. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 17, n. 1, p. 27-40, 2012.

DA SILVA, José Francisco Graziano. **O novo rural brasileiro**. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, 1999.

DENCKER, Nils. **Desk and group of similar desks**. U.S. Patent n. 6,039,392, 21 mar. 2000.  
DRUMOND, Marina Canal Caetano; DRUMMOND FILHO, HELIO CAETANO. **Drogas, a busca de respostas**. Edicoes Loyola, 1998.

EDWARDS, Jeffrey R.; ROTHBARD, Nancy P. Mechanisms linking work and family: Clarifying the relationship between work and family constructs. **Academy of management review**, v. 25, n. 1, p. 178-199, 2000.

INCRA, FAO. Diretrizes de política agrária e desenvolvimento sustentável para pequena produção familiar. **Brasília: versão preliminar de agosto de**, 1994.

FRONE, Michael R.; YARDLEY, John K.; MARKEL, Karen S. Developing and testing an integrative model of the work–family interface. **Journal of vocational behavior**, v. 50, n. 2, p. 145-167, 1997.

FRONE, Michael R.; RUSSELL, Marcia; COOPER, M. Lynne. Antecedents and outcomes of work-family conflict: testing a model of the work-family interface. **Journal of applied psychology**, v. 77, n. 1, p. 65, 1992.

FULLER, Anthony M. Part time farming and the farm family: a note for future research. **Sociologia Ruralis**, v. 23, n. 1, p. 5-10, 1983.

GEURTS, Sabine AE; DEMEROUTI, Evangelia. Work/non-work interface: A review of theories and findings. **The handbook of work and health psychology**, v. 2, p. 279-312, 2003.

GIL, Antônio Carlos. Como delinear uma pesquisa bibliográfica. **Gil AC. Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, p. 59-86, 2006.

GOLDANI, Ana Maria. Família, gênero e políticas: famílias brasileiras nos anos 90 e seus desafios como fator de proteção. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 19, n. 1, p. 29-48, 2013.

KAGEYAMA, Angela et al. Pluriatividade e ruralidade: aspectos metodológicos. **Economia Aplicada**, v. 2, n. 3, p. 515-551, 1998.

KAUTSKY, Karl. **A questão agrária**. Tradução de Otto E.W. Maas. Rio de Janeiro: Laemmert, 1986.

KELLOWAY, E. Kevin; GOTTLIEB, Benjamin H.; BARHAM, Lisa. The source, nature, and direction of work and family conflict: a longitudinal investigation. **Journal of occupational health psychology**, v. 4, n. 4, p. 337, 1999.

KINNUNEN, Ulla et al. Types of work family interface: Well being correlates of negative and positive spillover between work and family. **Scandinavian journal of psychology**, v. 47, n. 2, p. 149-162, 2006.

LÊNIN, Vladimir Ilich. O programa agrário. **São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas**, 1980.”

MARSDEN, Terry K. Theoretical issues in the continuity of petty commodity production. 1991.

MENDANHA, José Francisco. Economia solidária e agricultura familiar. **Revista Científica do Itpac**, 2010.

NAVARRO, Zander. A agricultura familiar no Brasil: entre a política e as transformações da vida econômica. **Gasquet al**, v. 2010, p. 185-209, 2010.

NETEMEYER, Richard G.; BOLES, James S.; MCMURRIAN, Robert. Development and validation of work–family conflict and family–work conflict scales. **Journal of applied psychology**, v. 81, n. 4, p. 400, 1996.

POLASKY, Lynn J.; HOLAHAN, Carole K. Maternal self-discrepancies, interrole conflict, and negative affect among married professional women with children. **Journal of Family Psychology**, v. 12, n. 3, p. 388, 1998.

SARRIA ICAZA, Ana Mercedes; FREITAS, Marcelo. O Projeto Esperança/Coesperança e a construção da economia solidária no Brasil: relato de uma experiência. **Porto Alegre, Cáritas Brasileira**, 2006.

SCHNEIDER, Sergio. **Os colonos da indústria calçadista: expansão industrial e as transformações da agricultura no Rio Grande do Sul**. Campinas. 1994. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP.

SCHNEIDER, Sergio. As transformações recentes da agricultura familiar no Rio Grande do Sul: o caso da agricultura em tempo parcial. **Ensaio FEE**, v. 16, n. 1, p. 105-119, 1995.

SCHNEIDER, Sérgio. Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 18, n. 51, p. 99-121, 2003.

SINGER, Paul. **Introdução à economia solidária**. Fundação Perseu Abramo, 2002.

SINGER, Paul Israel; DE SOUZA, André Ricardo (Ed.). **A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego**. Editora Contexto, 2000.

STEPHENS, Gregory K.; SOMMER, Steven M. The measurement of work to family conflict. **Educational and Psychological Measurement**, v. 56, n. 3, p. 475-486, 1996.

TAMAYO, Alvaro; LIMA, Dinice; SILVA, AV da. Impacto do clima organizacional sobre o estresse no trabalho. **Trabalho apresentado no XXVI Encontro Nacional da ANPAD, Salvador, Bahia, 2002**.

THOMPSON, Linda; WALKER, Alexis J. Gender in families: Women and men in marriage, work, and parenthood. **Journal of Marriage and the Family**, p. 845-871, 1989.